



A FUNÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO DE CULTO NA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL: TENSÕES E CON-TRADIÇÕES¹

The social role of the space of worship in the Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil: tensions and con-tradi(c)tions

Éder Beling²

Resumo:

O presente artigo visa problematizar a questão da inserção sócio-ecclesial do culto evangélico-luterano no espaço, procurando bases para um entendimento atual da função que o espaço sagrado de culto exerce no âmbito comunitário e eclesial. A partir da problematização pretende-se delinear alguns entendimentos errôneos ou subversivos à prática ritual-simbólica do culto em locais determinados para a reunião do Povo de Deus. Para isso, buscar-se-á no entendimento da igreja, enquanto espaço arquitetônico, e na contraposição com formulações clássicas a respeito do local de culto, tais como: “a igreja é a Casa de Deus”, “o culto acontece por toda a parte”, “igreja e mundo”, “local de encontro com Deus”, etc. o significado do espaço ritual do culto no âmbito comunitário-ecclesial. A pergunta a qual se quer responder é: Qual a função que o espaço de culto pode exercer enquanto local de encontro entre Deus e a comunidade cristã?

Palavras-chave:

Igreja. Espaço. Função. IECLB.

Abstract:

This article aims to discuss the issue of the socio-ecclesia insertion of the evangelical Lutheran worship in the space, looking for bases that support the current understanding about the function of the sacred space of worship in the communitarian and ecclesial spheres. With this discussion, it's intended to point out some erroneous and subversive ideas about the ritual-symbolic practice of the worship in spaces chosen for the meetings of the People of God. To do this, it will be sought in the comprehension there is about the church as an architectural space and in the contrapositions of classic sayings, like: “the church is the home of God”, “the worship is performed everywhere”, “the church and the world”, “the place where you meet God”, etc. the meaning of the ritual space of the worship in the communitarian and ecclesial spheres. The question to be

¹ Artigo apresentado no Simpósio de Liturgia: “Culto, Mídia e Cultura: a função social do culto cristão no contexto latino-americano”, durante o II Congresso Internacional da Faculdades EST, realizado entre os dias 8 e 12 de setembro de 2014, em São Leopoldo/RS.

² Mestrando em Teologia – Bacharel em Teologia – Faculdades EST. Bolsista do CNPq. Orientado pelo Prof. Dr. Júlio César Adam. E-mail: ederbeling@gmail.com. Master's degree student in theology – graduated in theology – Faculdades EST. Scholarship recipient supported by CNPq. Supervised by Dr. Júlio César Adam. E-mail adress: ederbeling@gmail.com.

answered is: What is the function of the space of worship as the place where God and the Christian community meet?

Keywords:

Church. Space. Function. IECLB.

Considerações iniciais

Desde a época de Jesus, as comunidades cristãs têm se encontrado em locais determinados. As protocomunidades cristãs estabeleceram o domingo como sendo o “Dia do Senhor”, atribuindo a esse dia o significado do Senhor Ressurreto, do Jesus Cristo que morreu, ressuscitou e ascendeu aos céus e conclamou às suas testemunhas que se reunissem, como bem lembra Mt 18.20.

Na época da protocomunidade, elas e eles não se reuniam em qualquer lugar. Pelo contrário, muitos cristãos das comunidades primitivas se reuniam em casas, naquilo que ficou conhecido como “as igrejas domésticas”.³ Outras e outros também participavam do culto no templo de Jerusalém e/ou nas sinagogas. Podemos ainda mencionar diretamente Jesus que frequentou o templo, a sinagoga e que em muitas de suas pregações e ensinamentos se utilizava de espaços públicos como o poço, à beira dos caminhos, o Getsêmani, o lago da Galileia, o Gólgota e várias vezes se sentou ao redor da mesa com os pecadores⁴ e tantos outros espaços.

Ao longo da história, o privilégio que lugares de culto, como a igreja, receberam, com sua grandiosa arquitetura, estética e arte (visto com os olhos de hoje) tornou-se uma questão conflituosa enquanto espaço de encontro e relacionamento do ser humano com Deus e vice-versa. Atualmente, a questão torna-se cadente devido a dessacralização que o espaço celebrativo tem sofrido e a grande crítica em relação a luxúria e suntuosidade de algumas igrejas, com seus interiores banhados a ouro, além do uso político que se faz de grandes construções eclesiais, como basílicas e catedrais, sejam elas católicas ou protestantes. Pesquisadores empenham-se em defender a sacralidade da igreja, enquanto outros as rechaçam e justificam a não presença ou a não manutenção do conceito de espaço sagrado, como veremos mais adiante.

No atual cenário brasileiro, não se percebe ou não se quer discutir que muitas igrejas têm usado a arquitetura e principalmente, a grandiosidade, a beleza, a estética e o simbolismo como forma de atração de novos fiéis e convertidos, podemos destacar o emblemático exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus com o “Templo de Salomão do Brás”. Perdeu-se, dessa forma, ao longo da história o real significado e simbolismo da igreja cristã, espaço de encontro e reflexão do amor de Deus doado a nós em Cristo Jesus. O espaço de culto tornou-se algo que se adapta ao

³ STRÖHER, Marga Janete. *A Igreja na casa dela*: papel religioso das mulheres no mundo Greco-Romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: IEPG, EST, 1996.

⁴ GAEDE NETO, Rodolfo. As comunhões de mesa de Jesus e a Ceia do Senhor. *Tear*: liturgia em revista, São Leopoldo, n.16, p. 3-8, maio 2005.

“freguês”, que vem buscar nele o que necessita. Tal qual, como numa visita ao shopping mais próximo, o grande “templo de consumo”⁵ de nossa época.

Resta-nos questionar o real significado e real função social do lugar de culto da igreja cristã. A partir de pontos controversos, mas também de unidade entre cristãos e cristãs, como por exemplo, a simples afirmação da igreja ser a “Casa de Deus” é motivo de controvérsia. Se a igreja é casa de Deus, Ele se encontra “preso” dentro dessa casa? Desse modo, queremos discutir alguns pontos que chamam-nos a atenção na discussão sobre o lugar de culto da igreja cristã. Tendo em vista que, ao falarmos de igreja ou lugar de culto, esse é o espaço celebrativo, edifício eclesiástico e lugar do culto determinado, dedicado ou consagrado para tal finalidade e sua arquitetura.

O espaço de celebração: templo ou igreja; Domus Dei ou Domus Ecclesiae?

A história da igreja cristã mostra-se deverás reticente ao tratar sobre este assunto. Não que falte posicionamento por parte de autoras e autores e da instituição eclesiástica. Na verdade há até mesmo ampla discussão sobre a problemática de como identificar e nominar o espaço de celebração cristão. Qual a designação correta ou adequada: templo ou igreja? Qual a importância dessa distinção? Há várias contribuições teológicas ao se discorrer sobre tal assunto.

Em um primeiro momento, parece algo sem cabimento discutirmos tal assunto. No entanto, para alguns autores tal diferenciação se mostra fundamental. Cito por exemplo, Martin Vollmann. Para ele o cristianismo não possui mais templos. A partir Jesus e seu ato conhecido como a purificação do templo e poderíamos acrescentar a profecia sobre a destruição do mesmo (Mc 13, par.) inaugurou-se uma nova relação espacial entre as/os que seguiam e seguem a mensagem de Cristo.⁶

O que se tornou latente para muitos, principalmente na época posterior aos eventos pascais, sobretudo na comunidade primitiva, é que Deus não habita em casas feitas por mãos humanas (At 7.48). Assim, as comunidades primitivas

[...] consideravam-se sempre reunidos à volta de Cristo Ressuscitado. A própria comunidade é o “lugar” preferente do encontro com Deus, porque ali, onde está a comunidade, está Cristo, segundo a sua promessa. Por isso, dedicaram para o seu culto salas dignas: “havia bastantes lâmpadas na sala de cima, onde estávamos reunidos” (At 20,8) [...].⁷

Isso se encontra em profunda conexão com a seguinte afirmação:

⁵ Veja-se por exemplo: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. E sobre o contexto neopentecostal brasileiro: GOMES, Edlaine de Campos. *A era das catedrais: a autenticidade em exibição: uma etnografia*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

⁶ VOLKMANN, Martin. Jesus “destruiu” o templo – a igreja o reconstruiu? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 30, n. 30, p. 244-255, 1990. VOLKMANN, Martin. *Jesus e o templo: uma leitura sociológica de Marcos 11.15-19*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulinas, 1992. Ainda sobre este tema: SCHAT, Aaron. Die Entgrenzung des heiligen Raumes: Tempelkonzept und Tempelkritik in der biblischen Tradition. *Pastoraltheologie, Wissenschaft und Praxis in Kirche und Gesellschaft*. Göttingen, v. 86, p. 348-359, 1997. E para uma nova visão sobre o Templo de Jerusalém visto a partir do conceito de Deuteronomio 12, da Formula de Torgau (Lutero) e da Sociologia do Espaço: GEIGER, Michaela. Gott Präsenz einräumen (Dtn 12): Die Raumsoziologie Martina Löws als Schlüssel für die Raumtheologie des Buches Deuteronomium. In: ERNE, Thomas; SCHÜZ, Peter (Hg.). *Die Religion des Raumes und die Räumlichkeit der Religion*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 2010.

⁷ ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 170.

Os cristãos, desde o princípio, não deram tanta importância ao lugar, mas sim à comunidade. Ao contrário dos pagãos e dos judeus, que punham grande ênfase no Templo como lugar da presença divina, *domus Dei*, ao qual poucos tinham acesso, entenderam o lugar de culto sobretudo como *domus ecclesiae* (a casa da comunidade), porquanto os ajudava a realizar melhor o seu culto a Deus; viam a própria comunidade como lugar privilegiado da presença salvadora de Cristo.⁸

Portanto, podemos concordar com as palavras de Allmen. Segundo ele:

Diremos simplesmente que deveríamos abolir o termo ‘templo’ em favor do termo ‘igreja’, [...] porque a Igreja primitiva rejeitou o vocábulo ‘templo’: são os judeus ou os pagãos que têm templos, no passo que os cristãos não têm, ou pelo menos não têm templos ‘feitos por mãos de homens’. Com efeito, um templo contraria a ideia de que Jesus Cristo é o único ‘*catholicum Dei templum*’, como dizia Tertuliano. E comprometeria também a natureza sacramental da assembleia litúrgica. Desde agora, não é na terra, mas no céu, que há um templo, onde o Cristo está presente diante de Deus para interceder em favor de nós (cp. Rm 8.38; Ap *passim*). Querer um templo na terra equivale a tentar ‘trazer do alto o Cristo’ (Rm 10.6), a falsear a situação escatológica da Igreja e, conseqüentemente, tentar aprisionar o Senhor.⁹

O termo igreja, enquanto designação da assembleia que reúne-se e congrega-se ao redor do Cristo Crucificado e Ressurreto, desde sempre teve maior afinidade com a mensagem que as cristãs e os cristãos pretendiam e pretendem comunicar. Portanto, não se justifica alterar a designação que vem desde os primeiros cristãos, e que caracteriza a ato de perseveravam “na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2.42),¹⁰ e que posteriormente também foi associado ao lugar no qual tal ato acontecia.

Ao lado disso, também não se constata problema ao se referir à igreja enquanto templo. Desde que esse termo seja interpretado desde a mensagem cristã, através do qual tanto a designação templo ou igreja não representem a “prisão” de Deus num espaço físico, que não representem mais uma *Domus Dei*, mas que possam ser uma verdadeira *Domus Ecclesiae*. No sentido de que ambos os termos possam representar, em relação ao mundo atual, “uma realidade de espera”¹¹ e “uma promessa de novos céus e nova terra”¹² e da nova Jerusalém que desce do céu (Ap 20).

Maraschin chama a *Domus Dei* de *domus nostrae*, pois em conexão com a casa, a igreja é o local na qual se reúnem “mais do que as memórias da família e dos primeiros sonhos”.¹³ Para ele, na *domus nostrae* reúnem-se os “sonhos da raça humana, da comunidade jamais experimentada e da felicidade sempre procurada”.¹⁴

Termos como basílica, catedral e capela definem diferentes relações. A basílica cristã, que surge a partir do século IV, é um empréstimo da cultura romana, ou mesmo uma apropriação, de lugares centrais e no qual cabiam várias pessoas. As basílicas, sobretudo, eram os lugares em que eram realizados os contratos romanos,¹⁵ portanto, seriam equivalentes aos “Palácios de Justiça”,

⁸ ALDAZÁBAL, 2013, p. 170.

⁹ ALLMEN, J.J. von. *O Culto Cristão: teologia e prática*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2006. p. 252-253.

¹⁰ ATOS. In: BÍBLIA de estudo Almeida. 2. ed. rev. atua. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. p. 176.

¹¹ ALLMEN, 2006, p. 286.

¹² ALLMEN, 2006, p. 286.

¹³ MARASCHIN, Jaci C. *A beleza da santidade: ensaios de liturgia*. São Paulo: ASTE, 1996. p. 79.

¹⁴ MARASCHIN, 1996, p. 79.

¹⁵ ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 52-53.

tribunais penais ou fóruns públicos. Atualmente, a designação refere-se a igrejas de cunho histórica e importantes centros de peregrinação.¹⁶

Já as capelas são pequenos lugares de reunião, que em grande medida não apresentam a suntuosidade, a estética e a arquitetura de amplos lugares de culto,¹⁷ como as basílicas ou catedrais, por exemplo. As catedrais, oriundas do contexto católico-romano, expressam, sobretudo, que no contexto de uma determinada região a catedral é a “igreja principal ou a igreja-mãe de uma diocese, onde se encontra a cátedra do bispo (a expressão “cathedralis ecclesia” já é atestada no séc. IV) e onde este, cercado por seu presbitério e pelos ministros, preside o altar na assembleia do povo de Deus”.¹⁸

Alderí Souza de Matos resume bem o que até aqui afirmamos:

[...] as atitudes dos cristãos em relação aos seus locais de culto têm variado grandemente ao longo da história, indo desde o “templocentrismo”, que considera o santuário como um lugar dotado de virtudes especiais, até o desinteresse pelos espaços religiosos em si mesmos, valorizando-se apenas as atividades neles realizadas. Não há como **negar** a importância psicológica e espiritual dos lugares em que as pessoas têm uma experiência especialmente profunda do sagrado. À luz das Escrituras, importa que a atitude em relação a esses locais seja equilibrada, valorizando-se o belo, o estético e o simbólico, mas evitando-se transformá-lo num fim em si mesmo. Desde uma perspectiva protestante, o templo pode ser considerado “santo” no sentido bíblico de “separado do uso comum” e destinado para o Senhor. Deve ser funcional e prático, visando o que realmente importa, a centralidade do Deus triúno e do culto a ele, mas não há nada que impeça que seja também agradável aos olhos e expresse a beleza da criação divina.¹⁹

O espaço de celebração: entre o espaço litúrgico e o “por toda a parte”

Seguindo a discussão sobre o lugar de culto da igreja, a tensão entre espaço litúrgico construído para celebração e a possibilidade de celebração em qualquer lugar também se apresenta, em certa medida, como contraditória. Parte pelo que acima elencamos como relação à “prisão” de Deus. Pois, parece que a igreja tornou-se espaço absoluto e prisão de Deus no mundo. Contrastando-se a celebração litúrgica que acontece no interior da igreja com o espaço do mundo não vemos motivos bíblicos que possam nos fazer “prender” Deus num determinado espaço.

No contexto evangélico-luterano, a afirmação de Lutero, em sua prédica por ocasião da dedicação da Igreja do Castelo de Torgau, em 1544, é contundente ao entender que o culto cristão pode ser celebrado em qualquer lugar. Fica claro que a igreja é um espaço de todas as pessoas. No entendimento de Lutero se houvesse dificuldade em se celebrar na igreja, independentemente o motivo, poder-se-ia celebrar o culto em outro lugar. Assim ele diz:

¹⁶ ALDAZÁBAL, 2013, p. 53.

¹⁷ ALDAZÁBAL, 2013, p. 72.

¹⁸ BERGER, Rupert. *Dicionário de liturgia pastoral*: obra de consulta sobre todas as questões referentes à liturgia. São Paulo: Loyola, 2010. p. 79-80.

¹⁹ MATOS, Alderí Souza de. *Os átrios de Senhor*: o significado dos templos cristãos na história. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/7103.html>>. Acesso em: 07 maio 2014.

[...] tendo-se a dificuldade de não se querer ou poder se reunir aqui na igreja, assim poderíamos nos reunir do lado de fora, em uma fonte ou em qualquer outro lugar, para a pregação.²⁰

Portanto, o princípio que Lutero utiliza, conhecido como Fórmula de Torgau, para que o espaço se torne útil, honroso e funcional, e por que não dizer sagrado, é justamente o motivo e a razão que leva a comunidade a se reunir. O motivo ou a força que reúne e congrega deve estar claro no entendimento comunitário, e esse lugar deve ser um lugar útil e honroso para com a Palavra de Deus, que se revela de várias formas. Por isso, a preocupação de Lutero ao dedicar a Igreja do Castelo em Torgau é justamente uma preocupação litúrgico-simbólica, mas também funcional.²¹ Por isso, ele afirma na prédica o seguinte, com relação à igreja, sobre a dedicação:

[...] que nenhuma outra coisa se suceda ali, que não seja que o nosso amável Senhor mesmo fale conosco através da sua Santa Palavra, e nos por outro lado falemos com Ele através da oração e dos cânticos de louvor.²²

No entanto, não podemos encarar tal afirmação sem discuti-la e de forma alguma podemos diminuir o valor do lugar de culto e sair celebrando simplesmente em qualquer lugar e a qualquer tempo. O paradoxo que a Fórmula de Torgau nos apresenta, encontra-se no fato de que o lugar de culto assume a função de ser meio ou mediadora do culto, pois não podemos celebrar culto fora do tempo e do espaço. Ademais, o lugar tem o efeito de reforçar o que se está realizando através da ação litúrgica, ele torna-se um meio do Evangelho, assim como, a Bíblia, a arte, a música, os centros litúrgicos, as velas, as flores. Nesse sentido, Geiger diz que “o espaço possibilita que se ouça a Palavra de Deus concentradamente, em conjunto orar e intensivamente louvar”.²³

No que pulsa a discussão de Lutero, podemos, a partir de sua prédica, afirmar ainda o seguinte:

1) Quando o povo de Deus se reúne para celebrar a liturgia num determinado lugar, tal ação é realizada sob a vontade de Deus, no qual Ele fala com seu povo através da Palavra e do testemunho bíblico, das orações e dos cantos de louvor e glorificação, como retratado acima. Além é claro das variadas formas de arte, música e símbolos.

2) Isso de forma alguma anula o espaço determinado para a reunião, aquele onde a comunidade cristã semana após semana costuma se reunir. Para tal as palavras de Lutero também fazem refletir sobre a *funcionalidade* de tal espaço. Para ele, o culto cristão deve ser celebrado “na reunião”²⁴ da assembleia que se utiliza do tempo, do lugar, da casa ou de pessoas. Através dos

²⁰ “[...] viele aber die not fur, das man nicht wolte oder kündte hierin zusammen komen, so möchte man wol draußen oder beim Brunnen oder anderes wo predigen.” LUTHER, Martin. 1544. Nr. 35. Predigt bei der Einweihung der Schloßkirche zu Torgau erhalten 1544, gedruckt 1546. In: *D. Martin Luthers Werke: kritische Gesamtausgabe*. 49. Band. Weimar: Hermann Böhlau Nachfolge, 1913. p. 592. (WA 49, 592). (Tradução nossa).

²¹ STAUFFER, S. Anita. Problemática Contemporánea de la arquitectura eclesial e la cultura. In: STAUFFER, S. Anita (Ed.). *Dialogo entre culto y cultura*. Ginebra: Federación Luterana Mundial, 1994. p. 168.

²² “[...] das nichts anders darin geschehe, denn das unser lieber Herr selbs mit uns rede durch sein heiliges Wort, und wir widerumb mit jm reden durch Gebet und Lobgesang. [...]” LUTHER, 1913, p. 588. (Tradução nossa).

²³ “Der Raum ermöglicht, Gottes Wort konzentrierter zu hören, gesammelter zu beten und intensiver zu loben”. GEIGER, 2010, p. 105.

²⁴ “[...] welches am besten inn der Samlung geschihet [...]” LUTHER, 1913, p. 604. (Tradução nossa).

quais “nos reunimos pela vontade de Deus” e no qual o lugar possa proporcionar que “coração [fé] e pensamento [razão] se encontram menos dispersos que de costume”.²⁵

A tensão entre *espaço litúrgico* e “*por toda a parte*” continuará existindo enquanto houver assembleia, reunião e encontro do povo de Deus. Não cabe a essa pesquisa, nem é seu objetivo eliminá-la. A importância de tal tensão encontra-se no fato de que a igreja de pedra (lugar de culto), a igreja (instituição) e a igreja (assembleia do povo de Deus) jamais podem se acomodar. Por exemplo, os bancos foram introduzidos no interior do lugar de culto para dar conforto aos fiéis e melhorar a comunicabilidade da palavra de Deus e não para se tornarem “assento cativo”, como por exemplo, em estádios de futebol ou teatros.

Outro exemplo dessa controvérsia do seio da IECLB aconteceu no ano de 2009. À época a Pastora Sinodal do Sínodo Vale de Itajaí publicando um artigo no jornal sinodal “*O Caminho*” defendeu a ideia de não se realizar bênçãos matrimoniais fora do âmbito da igreja, ou seja, do local de culto. Para ela, o pedido de muitos casais para realizarem a bênção fora do lugar de culto é algo que tem a ver com a situação pós-moderna das pessoas que não se importam com o sagrado. Assim ela o afirma no artigo em relação à manutenção das bênçãos matrimoniais no âmbito dos lugares de culto:

Ao aceitarmos realizar bênçãos matrimoniais fora de templos, reforçamos a prática das pessoas abrirem mão do sagrado, daquilo que para nós como igreja e comunidade tem real valor: a celebração comunitária em si, o próprio templo, o altar consagrado, os sinos, o órgão, os hinos sacros.²⁶

As palavras de Dom Orlando Santos de Oliveira, em meio à esta tensão, fazem-nos refletir:

A igreja/construção é para ser um sinal de Deus e de seu Reino no contexto social e cultural onde a comunidade está inserida. É para ser sinal de comunhão em Jesus Cristo Ressuscitado e no Espírito Santo que dá vida, sinal da nova humanidade, que queremos ser, na fraternidade, na solidariedade, na justiça e na paz. Mas é bom lembrar que a igreja de pedra, assim como a igreja povo, é provisória; aponta para o futuro, para a assembleia definitiva de todos os povos na casa do Pai.²⁷

O espaço de celebração: Igreja e mundo - qual o espaço de Deus?

Ao falarmos sobre o mundo não deixamos de falar sobre o culto em toda a parte. No entanto, nosso interesse não está mais somente na contraposição entre diferentes locais de culto, mas partimos para a reflexão sobre o envio que Deus faz de nós em direção ao mundo.

²⁵ [...] da man allein und des willen zusammen komt, und herz und gedanken weniger zurstrewet sind weder sonst, da ein jeder fur sich selb odder mit andern zuthuen hat [...]. LUTHER, 1913, p. 604. (Tradução nossa). Veja-se também o artigo de GEIGER, 2010, p. 105s.

²⁶ EHRAT, Mariane Beyer. *Casamento – Espaço Sagrado: vital para a vivência da fé*. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=69&cadernold=14¬iciaId=3416&highlight=Busca%20no%20site>>. Acesso em: 08 ago. 2014.

²⁷ OLIVEIRA, Orlando Santos de. *Teologia inspiradora na formação dos espaços e formas sacras*. [S. l.: s. n.], [ca. 2010]. p. 6. Disponível em: <http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/arte/teologia_inspiradora_espacos.pdf>. Acesso em: 07 maio 2014.

Os elementos do culto “Benção e Envio” nos lembram de tão importante ato litúrgico e ação de Deus. Ao falar sobre a mais tradicional benção utilizada na igreja luterana (IECLB), no caso a benção arcaica, Adam e Beling nos lembram o seguinte sobre a benção: “[...] Bênçãos transmitem o sentido de proteção e cuidado para a vida que segue, após o culto”.²⁸ Já sobre o envio eles afirmam: “O envio é quase uma continuidade da benção. Recebemos a benção para sermos enviados ao mundo. Ou, porque somos enviados ao mundo, precisamos da benção de Deus”.²⁹

Nossa tarefa e nosso trabalho como cristãs e cristãos não pode ser realizada em nenhum outro lugar que não seja o mundo, vamos ao culto para sermos preenchidos com o Espírito de Deus, acalantar nosso coração, receber instrução e celebrar o amor de Deus doado por nós na cruz. E tudo o que Deus fez por todos nós, não pode apenas ficar preso dentro de “quatro paredes”, ou seja, limitado à igreja, mas deve se expandir para todo o mundo. E não somente para dentro da nossa comunidade de fé, na qual somos membros; e isso já resulta em outra discussão. Mas nessa tensão, entre sermos enviados para o mundo, e sermos chamados para o culto, podemos refletir nas palavras de Stählin:

Esta tensão enraíza-se no fato de que o Senhor, ao mesmo tempo em que chamou os seus discípulos deste mundo, também os enviou ao mundo, e portanto, os colocou não para serem “deste mundo”, mas para serem responsáveis no mundo.³⁰

Os discípulos foram chamados e enviados ao mundo por Jesus Cristo. A elas e eles que testemunham Jesus como o salvador não se compele apenas resistir ativamente a toda a sorte de coisas que podem acontecer no mundo. Também é preciso saber o momento de se calar, de se silenciar diante da cruz em oração. Permanece, portanto, a tensão entre a igreja – culto e liturgia – e o mundo – ações e práticas do amor. Quando a tensão que compele e chama à reunião “onde dois ou três em meu nome se reunirem” (Mt 18.20) e a “benção e envio” não mais existirem, certamente não haverá mais razão para se ter culto.

Dessa forma, se fechamo-nos em nossas igrejas e comunidades ou se apenas ativamente nos colocarmos como “protestantes”, mas que de uma e de outra forma não vivenciamos a plenitude daquilo que Cristo nos concede não deveríamos continuar, mas pedir uma moratória. Maraschin³¹ sugere, com a moratória, que se de liberdade para que as comunidades anglicanas, por certo período de tempo, tenham a possibilidade de criar suas próprias liturgias. A sugestão dele é partir para uma experiência legitimamente comunitária de se fazer liturgia, ali onde ela acontece. Será que não deveríamos agir da mesma forma em relação ao que mencionávamos anteriormente? Ou seja, essa moratória deveria colocar-nos no caminho da redescoberta do Evangelho, a partir da plenitude daquilo que promove a Cristo, tanto na igreja – edifício, comunidade de fé, instituição pública, liturgia – quanto no mundo – lugar das pessoas, da injustiça, do profano e do mundano.

²⁸ ADAM, Júlio César; BELING, Éder. Cantos Litúrgicos e o Culto Cristão. *Tear: liturgia em revista*, São Leopoldo, n.41/42, p. 5-58, maio 2014. p. 38.

²⁹ ADAM; BELING, 2014, p. 38.

³⁰ Diese Spannung wurzelt in der Tatsache, daß der Herr Seine Jünger ebenso aus der Welt herausgerufen wie in der Welt hineingesendet hat, und daß also dieselben Menschen nicht „vor der Welt“, aber doch verantwortlich in die Welt gestellt sind. STÄHLIN, Wilhelm. Theologische Grundfragen. In: GATZ, Konrad; WEYRES, Willy; BARTNING, Otto (Hrsg.). *Kirchen: Handbuch für den Kirchenbau*. München: Verlag Georg D.W. Callwey, 1959. (Buch II – Evangelischer Kirchenbau). p. 216. (Tradução nossa).

³¹ MARASCHIN, Jaci C. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo: ASTE, 2010. p. 72-73.

Nicol nos lembra que como protestantes há muito tempo já abandonamos a dualidade que se apresenta entre o sagrado e o profano, como na definição de Mircea Eliade,³² isso tanto em termos de lugar de culto, como em termos litúrgicos.³³ No entanto, por vezes, permanecemos nessa contradição, clamamos a Deus para se fazer presente no mundo, mas quando estamos na igreja parece que é lá que o podemos encontrar com mais certeza, parece ser lá o local donde vem a força de Deus. Mas o que podemos fazer? Nicol sugere que para percebermos a “realidade da presença de Deus na profanidade precisamos, desde um ponto de vista atual, de uma zona sagrada, na qual a realidade de Deus possa ser representada”.³⁴

Deste ponto de vista, esta zona, pode ser a igreja, como também pode ser qualquer outro lugar, mas para ele, precisamos, em nosso mundo, de um espaço que possamos chamar de sagrado, sem recair novamente no aprisionamento de Deus. Em essência, o sagrado não necessita de um espaço específico para a sua revelação, pois, Deus se manifesta na plenitude da sua criação. No entanto, muito mais, o ser humano necessita desse local sagrado/consagrado/dedicado. Local em que a força de Deus possa ser sentida, celebrada, vivenciada e compartilhada. Podemos entender esse lugar como um “espaço de sobrevivência”³⁵ ou um “espaço de sonho”.³⁶

Nós, enquanto seres humanos e litúrgicos, necessitamos das duas essências – sagrada e profana. Pois, “sem a sacralidade o culto encontra-se em perigo no mundo, pois definir-se-ia em ativismo”³⁷ sem a elementar referência a Deus”.³⁸ “[...] Porém, sem a profanidade o culto na igreja está ameaçado de perder a referência ao mundo, que justamente o diferencia de todo o mero cuidado com a devoção contemplativa”.³⁹

Voltemos um olhar à principal oração da Igreja, o “Pai-Nosso”. Nessa importante oração a comunidade cristã ora: “Pai nosso que estás nos céus”. Disso nos decorre que não é no espaço humano que Deus se encontra “preso”. Jesus ao passar pelos atos pascais é testemunhado pelo Credo Apostólico no qual se professa: “subiu ao céu, e está sentado à direita de Deus Pai, todopoderoso, de onde virá para julgar os vivos e os mortos”. O que os seres humanos realizam enquanto ato simbólico-litúrgico é pedir a intercessão de Deus, para que o Reino de Deus venha a nós e que a vontade de Deus seja feita “assim na terra como no céu”.

As palavras de Maraschin nos inspiram e concluem esse tópico:

[...] O espaço da liturgia não é um nicho ou um pequeno canto escuro onde eu possa me aninhar, e escondido do mundo e dos outros, falar com Deus. Na verdade, o espaço da liturgia simboliza o espaço do mundo, no qual esse espaço não teria sido necessário se não houvéssemos experimentado a queda e as suas consequências. O mundo é o lugar

³² ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

³³ NICOL, 2010, p. 196.

³⁴ “[...] zur Wahrnehmung der Gotteswirklichkeit in der Profanität braucht es aus heutiger Sicht einen Bereich Sakralität, in dem die Gotteswirklichkeit zur Darstellung kommt”. NICOL, Martin. *Weg im Geheimnis: Plädoyer für den Evangelischer Gottesdienst*. 2. Auflage. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010. p. 196. (Tradução nossa).

³⁵ ADAM, Júlio César. Culto e Aconselhamento Pastoral. *Tear: liturgia em revista*, São Leopoldo, n. 23, p. 3-14, ago. 2007. p. 9.

³⁶ MARASCHIN, 1996, p. 90s.

³⁷ No original a palavra de se refere a atos irrefletidos, no qual não há um planejamento, sendo um ativismo que não compreende o todo de uma causa, que se junta à luta sem perguntar porque estão protestando.

³⁸ “Ohne Sakralität steht der Gottesdienst in der Welt in Gefahr, zum Aktionismus ohne elementaren Gottesbezug zu verkümmern”. Nicol, 2010, p. 196-197. (Tradução nossa).

³⁹ “Ohne Profanität aber droht der Gottesdienst in der Kirche den Weltbezug zu verlieren, der ihn von der bloßen Pflege frommer Innerlichkeit unterscheidet”. Nicol, 2010, p. 197. (Tradução nossa).

que quer ser espaço litúrgico e não consegue. Mas, de fato, presta-se melhor à liturgia do que o espaço que, afinal, delimitamos. 'Assim diz Javé: o céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés. Que casa me haveis de fazer, que sitio, para o meu repouso?' (Is 66.1).⁴⁰

Considerações finais

No resumo do artigo colocávamos uma pergunta, à qual seria respondida ao longo do artigo, eis a pergunta: Qual a função que o espaço de culto pode exercer enquanto local de encontro entre Deus e a comunidade cristã?

São várias as funções que o lugar de culto assume no contexto do culto cristão. Detendo-se brevemente no ordo do culto percebemos quantas diferentes funções sociais realizamos ao longo do culto cristão. Evidencio algumas: acolhimento, confissão de culpa, perdão de pecados, intercessão pelo mundo, glorificação, agradecimento a Deus, comunicação da Palavra de libertação, confissão de fé, oração de agradecimento e intercessão pelo mundo, bênção de Deus e envio.

Somos nós, como seres humanos, que estamos ali realizando culto, mas certos da presença de Deus no espaço e no tempo que a Ele nos oferece. Espaço e tempo que Deus já, há muito tempo, nos havia concedido como local de habitação, celebração e reunião. As tensões descritas acima certamente permanecerão, não era minha intenção eliminá-las, mas apenas evidenciar que elas se encontram aí e que precisamos tomar consciência delas, não que isso resulte na melhora da qualidade de nossas celebrações e lugares de culto, mas para termos a certeza de que a fé que é alimentada no "espaço do culto" vai conosco para todos os lugares enquanto vivermos.

Referências

ADAM, Júlio César. Culto e Aconselhamento Pastoral. *Tear: liturgia em revista*, São Leopoldo, n. 23, p. 3-14, ago. 2007.

_____; BELING, Éder. Cantos Litúrgicos e o Culto Cristão. *Tear: liturgia em revista*, São Leopoldo, n.41/42, p. 5-58, maio 2014.

ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013.

ALLMEN, J.J. von. *O Culto Cristão: teologia e prática*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁴⁰ MARASCHIN, 1996, p. 77.

BERGER, Rupert. *Dicionário de liturgia pastoral*: obra de consulta sobre todas as questões referentes à liturgia. São Paulo: Loyola, 2010.

BÍBLIA de estudo Almeida. 2. ed. rev. atua. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

EHRAT, Mariane Beyer. *Casamento – Espaço Sagrado*: vital para a vivência da fé. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=69&cadernoId=14¬iciaId=3416&highlight=Busca%20no%20site>>. Acesso em: 08 ago. 2014.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

GAEDE NETO, Rodolfo. As comunhões de mesa de Jesus e a Ceia do Senhor. *Tear*: liturgia em revista, São Leopoldo, n.16, p. 3-8, maio 2005.

GEIGER, Michaela. Gott Präsenz einräumen (Dtn 12): Die Raumsoziologie Martina Löws als Schlüssel für die Raumtheologie des Buches Deuteronomium. In: ERNE, Thomas; SCHÜZ, Peter (Hg.). *Die Religion des Raumes und die Räumlichkeit der Religion*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 2010.

GOMES, Edlaine de Campos. *A era das catedrais*: a autenticidade em exibição: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

LUTHER, Martin. 1544. Nr. 35. Predigt bei der Einweihung der Schloßkirche zu Torgau erhalten 1544, gedruckt 1546. In: *D. Martin Luthers Werke*: kritische Gesamtausgabe. 49. Band. Weimar: Hermann Böhlaus Nachfolge, 1913. (WA 49, 592).

MARASCHIN, Jaci C. *A beleza da santidade*: ensaios de liturgia. São Paulo: ASTE, 1996.

_____. *Da leveza e da beleza*: liturgia na pós-modernidade. São Paulo: ASTE, 2010

MATOS, Alderi Souza de. *Os átrios de Senhor*: o significado dos templos cristãos na história. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/7103.html>>. Acesso em: 07 maio 2014.

NICOL, Martin. *Weg im Geheimnis*: Plädoyer für den Evangelischer Gottesdienst. 2. Auflage. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010.

OLIVEIRA, Orlando Santos de. *Teologia inspiradora na formação dos espaços e formas sacras*. [S. l.: s. n.], [ca. 2010]. p. 6. Disponível em:

<http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/arte/teologia_inspiradora_espacos.pdf>. Acesso em: 07 maio 2014.

SCHART, Aaron. Die Entgrenzung des heiligen Raumes: Tempelkonzept und Tempelkritik in der biblischen Tradition. *Pastoraltheologie, Wissenschaft und Praxis in Kirche und Gesellschaft*. Göttingen, v. 86, p. 348-359, 1997.

STÄHLIN, Wilhelm. Theologische Grundfragen. In: GATZ, Konrad; WEYRES, Willy; BARTNING, Otto (Hrsg.). *Kirchen: Handbuch für den Kirchenbau*. München: Verlag Georg D.W. Callwey, 1959. (Buch II – Evangelischer Kirchenbau).

STAUFFER, S. Anita. Problemática Contemporánea de la arquitectura eclesial e la cultura. In: STAUFFER, S. Anita (Ed.). *Dialogo entre culto y cultura*. Ginebra: Federación Luterana Mundial, 1994.

STRÖHER, Marga Janete. *A Igreja na casa dela: papel religioso das mulheres no mundo Greco-Romano e nas primeiras comunidades cristãs*. São Leopoldo: IEPG, EST, 1996.

VOLKMANN, Martin. Jesus “destruiu” o templo – a igreja o reconstruiu? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 30, n. 30, p. 244-255, 1990. VOLKMANN, Martin. *Jesus e o templo: uma leitura sociológica de Marcos 11.15-19*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulinas, 1992.